

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS EM SALA DE AULA: O USO DE JOGOS DIDÁTICOS COMO SUPORTE NO ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Autor (1) Wilton Petrus dos Santos
Co-autor (1) Elian da Silva Santos

*Universidade Federal de Alagoas
wiltonpetrus@yahoo.com.br
elian.santos@cedu.ufal.br*

RESUMO: Este artigo tem como finalidade discutir sobre a importância do dialogismo (BAKHTIN, 1992) para o ensino de língua portuguesa a partir do uso de jogos didáticos. Para isso, através de uma abordagem qualitativa de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986) foi realizada uma entrevista para duas professoras e uma entrevista para seis de seus alunos em uma escola pública de Maceió. Buscamos correlacionar os resultados com uma pesquisa bibliográfica a fim de levantar e compreender a visão atual sobre as metodologias de ensino quem vem sendo utilizadas e os problemas enfrentados por professores e alunos. Através deste trabalho queremos mostrar a importância de se inserir nas aulas de língua portuguesa metodologias de ensino que permitam o desenvolvimento de atividades interativas como suporte para práticas de letramento (KLEIMAN, 2005) sempre baseadas em um contexto de interesse do aluno sempre de forma real e concreta.

Palavras Chaves: Dialogismo; Interação; Ensino da Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Desde os anos 70 o ensino de língua portuguesa tem estado no centro das discussões sobre as necessidades de mudanças e melhorias na qualidade do ensino em nosso país. O eixo dessa discussão está direcionado principalmente, ao domínio da leitura e escrita dos alunos.

De acordo com os PCNs (1998) a ausência desses domínios resultou no aumento considerável de repetências e, conseqüentemente contribuiu para o chamado “fracasso escolar”. Diante disso, tornou-se necessário novas propostas para reformulação do ensino de língua portuguesa, principalmente, no objeto de ensino e nas metodologias aplicadas em sala de aula. Essas reformulações tinham como finalidade tornar um ensino significativo.

É importante ressaltar que, segundo os PCNs (1998) o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, como prática pedagógica, é constituída através da conexão de três variáveis: i) o aluno; ii) os conhecimentos com os quais os alunos se operam nas práticas de linguagem; iii) a mediação do professor.

A primeira variável está relacionada com o sujeito da ação de aprender, ou seja, um sujeito ativo que age com e sobre o objeto de conhecimento. A segunda variável está relacionada aos conhecimentos discursivos-textuais e linguísticos aplicados nas práticas sociais de linguagem. E por fim, a terceira variável é a prática educacional do professor que organiza a mediação dos alunos com o objeto do conhecimento.

De acordo com as três variáveis apresentadas, o objeto de ensino da língua portuguesa é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem. Nessa perspectiva, é fundamental a organização de situações de aprendizagens, ou seja, planejar situações de interação para que esses conhecimentos sejam construídos e tematizados.

Nesse sentido, conforme Geraldi (1997) assumimos que a interação produz um ambiente favorável para aprendizagem, uma vez que, a linguagem é constitutiva e dialógica, à medida que acreditamos que diferentes sujeitos de diferentes condições sociais, históricas e culturais interagem e mutuamente se constituem, isto é, cremos que “[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é [...] um lugar de interação humana”. A partir do que já expomos temos o objetivo de compreender e mostrar a importância das relações dialógicas no ambiente escolar. Também buscamos analisar e registrar as dificuldades encontradas em sala de aula para a prática de meios significativos de ensino. No próximo tópico trazemos algumas discussões importantes sobre práticas do ensino de língua materna.

O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E AS RELAÇÕES DIALÓGICAS

Refletindo sobre alguns fatos de nossa experiência escolar dos nossos primeiros passos para o convívio social, das relações com professores e colegas que nos cercam no tempo, buscamos trazer algumas observações dentro de algumas práticas docentes na atualidade. Com essas observações surgem algumas inquietações em relação ao modo de como ainda hoje em tempos tão diferentes muitos adotam práticas pedagógicas que nos direcionam a um reducionismo da língua, obscurecendo, assim, sua função interativa nos remetendo a tempos retrógrados.

Temos de fazer um grande esforço para não incorrer no erro milenar dos gramáticos tradicionalistas de estudar a língua como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam. (BAGNO, 2006, p. 9).

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, tampouco no psiquismo individual dos falantes. Logo, para Bakhtin (1997), a substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através das enunciações. Esse autor diz que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1992, p. 123).

Sendo assim, Bakhtin discorda da ideia de língua enquanto sistema estável, sincrônico, homogêneo; caracterizado por um estudo linguístico com leis específicas que acoplam o signo da língua no interior de um sistema fechado, desvinculado de valores ideológicos.

A língua é apresentada por Bakhtin não como objeto abstrato, todavia como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação, assim, a natureza da língua seria essencialmente dialógica e embasadas em gêneros discursivos sociais, vejamos o que diz o autor:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Logo, para Bakhtin, a concepção dialógica de língua e linguagem é fator essencial para o desenvolvimento de qualquer estudo no campo da linguagem. Ainda para este autor, os sujeitos participam constantemente de um diálogo e deste modo a interação é inevitável, já

que o “eu” constitui o “outro” e é por ele constituído, ou seja, o dialogismo é um princípio de sobrevivência humana.

O processo de leitura e compreensão exige do leitor um conhecimento de mundo, não se pode interpretar um texto ou produzir-se “sem base”, isto exige do sujeito uma atenção e atualização dos fatos que o cerca. Sobre isso, lembramos que, segundo o livro “A importância do ato de ler” de Paulo Freire e aqui reproduzo uma de suas citações, a que chama mais atenção especificamente.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.11)

Ele diz, logo a seguir, que, na sua própria alfabetização, no chão do quintal da sua casa, à sombra das mangueiras, a leitura da palavra estava colada ao seu mundo de tal forma que a leitura da palavra acabava sendo uma leitura da “palavra mundo”. Não se trata, então, apenas de pronunciar a palavra. Trata-se de pronunciar o mundo (FREIRE, 1989, p.11).

A leitura e escrita dos textos devem ser precedidas de atividades que motive o aluno a levantar questões a respeito de temáticas que façam parte de seu interesse, devendo ser relevantes à aprendizagem, para que, desta forma, possam provocar debates, buscando, assim, estimular a busca de novos conhecimentos com o objetivo de enriquecer vivências, valores e atitudes. O (a) educador (a) inicialmente precisa buscar incorporar encaminhamentos que estimulem o aluno a falar um pouco mais sobre determinados itens de seu texto, mostrando-se “interessado” pelo que ele diz, ao mesmo tempo, incorporando o processo de escrita, como explicita Possenti ao afirmar que:

O modo de conseguir na escola a eficácia obtida nas casas e nas ruas é “imitar” da forma mais próxima possível as atividades linguísticas da vida. Na vida, na rua, nas casas, o que se faz é falar e ouvir[...], mas, dado o projeto da escola, ler e escrever são atividades importantes. Como aprenderemos a falar? Falando e ouvindo. Como aprenderemos a escrever? Escrevendo e lendo, sendo corrigidos, e reescrevendo, e tendo nossos textos lidos e comentados muitas vezes, com uma frequência semelhante à frequência da fala e das correções da fala. (POSSENTI, 2005, p.48).

Sabemos hoje em dia que a leitura está além do alcance dos olhos, o que se esconde por trás das linhas, os conhecimentos prévios, enfim, são elementos necessários para a produção e compreensão, o que ultrapassa em muito, os limites da simples decodificação. O leitor não é mais um receptor passivo orientado por uma ordem, mas é capaz de construir sentido a partir da direção e elaboração de seu pensamento e a sua imagem de mundo e isto pode ser feito com larga autonomia e competência.

METODOLOGIA

Este trabalho surgiu com a necessidade de refletir sobre o ensino da língua portuguesa nos dias atuais e a importância das relações dialógicas no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Buscamos investigar o uso de jogos e brinquedos em sala de aula das séries iniciais como suporte para práticas de letramento (KLEIMAN, 2005). Para isso, através de uma abordagem qualitativa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986), aplicamos um questionário para duas professoras e entrevistamos seis de seus alunos em duas turmas de séries iniciais em uma

escola pública de Maceió. Buscamos também aporte teórico em pesquisas bibliográficas e documentais em plataformas como: Capes Periódicos, Scielo, entre outros, usando as seguintes palavras chaves: Ensino da Língua portuguesa, metodologias de ensino, interação e dialogismo, jogos didáticos. Após a seleção da bibliografia fizemos estudos e leitura afim de compreendermos e refletimos sobre as abordagens atuais desses temas correlacionando com a o questionário respondido pelas professoras como também a resposta dos alunos na entrevista. Os resultados serão apresentados no próximo tópico.

RESULTADOS

Esse estudo possibilitou reforçar a hipótese da importância e necessidade do uso de jogos didáticos no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, pois representam excelentes recursos para o professor diversificar suas aulas como um instrumento interessante para o domínio de conteúdos fundamentais.

Pudemos confirmar através do contato com duas professoras de séries iniciais, que tal prática é enriquecedora e produz bons resultados na aprendizagem; verificamos também através das leituras feitas sobre o assunto que o uso de jogos é muito significativo para as crianças. Na entrevista com os alunos e alunas os mesmos reforçam um grande interesse pela prática. Pudemos entender que o fato de brincar desenvolve várias habilidades importantes como a criatividade, a cooperação, o bom humor, tão necessários ao educando e de grande valor para sua formação enquanto pessoa.

Os professores entrevistados em nossa pesquisa têm consciência da importância da prática em sala de aula, mas têm dificuldades em criar novas formas lúdicas de ensinar e reproduzem geralmente os jogos mais simples, existentes em livros didáticos. As professoras relatam a preocupação com a quantidade dos conteúdos a serem trabalhados e não usufruem o quanto poderiam da prática de jogos pedagógicos no ensino aprendizagem.

Concluimos, portanto, que o uso de jogos no ensino aprendizagem da Língua Portuguesa é bastante significativo e proveitoso tanto para o trabalho do professor quanto para o aluno enquanto ser que participa do processo de forma ativa e envolvente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações já apresentadas, ressaltamos a importância de professores e pesquisadores de língua materna dirigirem o olhar para um trabalho interativo em sala de aula, pois, além de colocar os alunos em dialogia com os diversos usos da linguagem e oferecer-lhes subsídios para viver em sociedade, isso possibilita que eles se constituam como sujeitos que dizem e não sujeitos passivos que meramente se apropriam do conhecimento linguístico e se contentam com as informações transmitidas pelo professor.

Consideramos que os educadores necessitam estar conscientes do seu papel importante a ser desempenhado na educação, pois através das atividades desenvolvidas na prática do ensino, podemos contribuir para a conscientização de sujeitos críticos e autônomos.

Por isso, há, urgentemente, a necessidade de que aqueles que estão preocupados com o ensino de Língua Portuguesa em nossas escolas reflitam sobre a possibilidade de se criar atividades de produção relacionadas às práticas sociais das quais esses sujeitos participam, pois como bem sabemos a escola deve preparar para a vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____, Volochinov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. ed. São Paulo, Hucitec, 1992.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso**. Por uma Pedagogia da variação linguística. Parábola Editorial, São Paulo, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brait, B. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: Faraco, C. A.; Tezza, C.; Castro, G. (org.) *Diálogos com Bakhtin*. 2ª ed. Curitiba: Editora da ufpr, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Editora Cortez, São Paulo, 1989.

Geraldi, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

KLEIMAN, Angela. **Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** CEFIEL/UNICAMP. Campinas - SP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco).

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. EPU. São Paulo, 1986.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, Campinas, 2005.